

SUINOCULTURA BRASILEIRA: mudanças e avanços no mercado externo¹

Rosana de Oliveira Pithan e Silva²

1 - INTRODUÇÃO

As exportações têm sido o principal foco da política agrícola brasileira nos últimos anos, e o setor de carnes se destaca no item agronegócio, com o Brasil liderando as exportações mundiais de carne bovina e de frango. A carne suína é a única que não tem, ainda, bom desempenho nas exportações brasileiras, porém, alguns índices atuais mostram uma melhora na produção interna que, com certeza, repercutem nas exportações de suínos e podem significar uma perspectiva de expansão do mercado externo, que já tem mostrado crescimento nos últimos anos.

Para que isso ocorra é necessário um empenho maior tanto dos produtores como dos frigoríficos e também do governo, centrando a questão na sanidade animal e na qualidade do produto, pontos que num mercado globalizado passam a ser fundamentais para a participação no mercado internacional, além de obtenção de maior competitividade com incorporação de avanços tecnológicos na produção, maior produtividade e melhora dos custos de produção.

A grande diferença entre os produtores brasileiros e os europeus, hoje, *“é a definição clara que o produtor europeu tem do tipo de animal a ser produzido, caracterizando a influência do mercado consumidor sobre os meios de produção”*³. Têm, ainda, como *“grandes vertentes de demanda o meio ambiente, o bem-estar animal, a qualidade do produto final (carne) e a segurança alimentar”*⁴.

Esses temas, apesar de menos incorporados às preocupações do mercado interno, são fundamentais quando se pensa em competitividade e devem, necessariamente, fazer parte

das preocupações do suinocultor que exporta, assim como daqueles que querem fazer parte desse mercado. Todos os pontos levantados são itens exigidos pelos mercados externos mais exigentes e deverão fazer parte da pauta de exigências de outros mercados, em função dos crescentes problemas sanitários que vêm ocorrendo em vários países do mundo.

2 - MUDANÇAS NA PRODUÇÃO

A suinocultura brasileira tem apresentado mudanças que podem ter um significado importante sob as perspectivas de crescimento da produção no País e de abertura de novos mercados. A principal característica que dá um parâmetro da realidade do setor é a evolução da produtividade do rebanho suíno industrial, pois houve um crescimento no número de nascidos por matriz de 17,5% para 21,9%, de 1996 para 2004, isto é, uma variação de 25,1%. Outro fator importante foi o número de animais terminados por matriz que de 1996 para 2004 evoluiu de 16,4% para 20,5%, representando uma variação de 25%. Um índice também importante se refere à mortalidade que passou de 9,7%, em 1996, para 6,8% em 2004, uma variação negativa de 29,9%⁵.

A produção animal depois de um período de crescimento se estabilizou a partir de 2003, o mesmo ocorrendo com a produção de carne suína, mas o consumo interno sofreu queda, passando de 14kg/hab./ano para 12kg/hab./ano, de 2002 para 2004⁶.

Nos últimos anos também houve mudança na participação das regiões produtoras brasileiras na produção de suínos, com diminui-

¹Registrado no CCTC, IE-60/2005.

²Socióloga, Pesquisadora Científica do Instituto de Economia Agrícola (e-mail: rpithan@iea.sp.gov.br).

³FÁVERO, J. A. **A suinocultura brasileira pode competir com a européia**. Disponível em: <http://www.21.sede.embrapa.br/noticias/artigos/2000/artigo2004-12-07.2449944418/mostra_artigo>. Acesso em: 14 jul. 2005.

⁴Idem nota 3.

⁵Palestra proferida por Pedro Camargo Neto, presidente da Associação Brasileira da Indústria Produtora e Exportadora de Carne Suína no seminário Perspectivas para o Agribusiness em 2005 e 2006, em 07 abr. 2005. São Paulo, BMF, 2005. Disponível em: <<http://www.bmf.com.br/2004/pages/imprensa1/destaques/2005/abril/DestaquesPPTSeminario.asp>>. Acesso em: 24 abr. 2005.

⁶Op. cit. nota 3.

ção da Região Sul, que ainda permanece o principal centro produtor do País, e aumento das regiões Sudeste e Centro-Oeste. Isso ocorreu devido à expansão da suinocultura para Goiás e Minas Gerais, principalmente com a implantação do Projeto Buriti (GO), pela Perdigão, a partir de 1998 e o controle de 90% dos ativos da Rezende Alimentos (MG), em 1999, pela Sadia (Tabela 1).

TABELA 1 - Participação Regional da Produção de Suínos, Brasil, 1998 e 2004 (em %)

Região	1998	2004	Var. %
Sul	71,1	57,5	-19,1
Sudeste	11,8	16,6	+40,5
Centro-Oeste	5,0	13,8	+176,0
Outros	12,1	12,1	0

Fonte: Disponível em: <<http://www.bmf.com.br/2004/pages/imprensa1/destaques/2005/abril/DestaquesPPTSeminarario.asp>>. Acesso em: 24 abr. 2005.

Esse processo faz parte da desconcentração geográfica da produção agroindustrial brasileira, através da abertura de novas fronteiras agrícolas, principalmente das cadeias de grãos e carnes. Representa uma mudança estrutural na produção, levando em conta as novas bases do modelo de produção integrada, não mais com agricultura familiar e, sim, com médios e grandes produtores que detêm maior capacidade de investimento e adoção de inovações⁷. Neste caso, a logística se torna uma questão fundamental na redução de custos, com a distância dos canais de exportação compensada pelo uso dos caminhões bitrem, com uma carreta adicional, aumentando a capacidade de carga.

3 - EXPORTAÇÕES DE CARNE SUÍNA

As exportações brasileiras de carne suína, que representam 13,7% do total transacionado no comércio mundial, deram um salto significativo saindo de 81,5 mil/t, em 1998, para 507,7 mil/t, aumento de 62,2%. Em valor também teve um crescimento expressivo, alcançando, no período analisado, 50,3% de aumento (Tabela 2).

⁷CLEPS JÚNIOR, J.; PELEGRINI, D. F. A integração agroindustrial no Triângulo Mineiro: a Rezende Alimentos. **Caminhos da Geografia - Revista On Line**, Minas Gerais, v. 1, n. 1, p. 27-38, set. 2000.

TABELA 2 - Exportações Brasileiras de Carne Suína, 1998 a 2004

Ano	t	US\$1.000	Preço médio
1998	81.565	153.802	1,886
1999	87.287	122.748	1,406
2000	127.883	171.851	1,344
2001	265.165	358.966	1,353
2002	475.863	481.435	1,012
2003	495.487	550.837	1,111
2004	507.704	774.050	1,525

Fonte: ABIPECS, 2005. Disponível em: http://www.abipecs.com.br/m_e_historica.php.

A expansão das exportações brasileiras aconteceu basicamente em cima do mercado russo, que chegou a consumir 80% dos produtos exportados brasileiros e em 2004 recuou para 56,8% (Tabela 3)⁸. Essa grande dependência do mercado russo, apesar de ser um mercado importante para o País, funciona negativamente, pois o embargo que ocorreu em 2004, devido à aftosa nos Estados do Pará e do Amazonas, e que só terminou no início de 2005, poderia ter trazido problemas para o escoamento das exportações e afetado o mercado interno. Isso não aconteceu porque o Brasil conseguiu colocar o produto em outros mercados e bateu recorde nas exportações de carne suína, tanto em volume quanto em receita, no último ano.

TABELA 3 - Principais Destinos das Exportações Brasileiras, 2004

País	% exportado
Rússia	56,8
Hong Kong	11,4
Ucrânia	6,4
Argentina	5,6
Cingapura	3,2
Outros	16,6

Fonte: Disponível em: <<http://www.bmf.com.br/2004/pages/imprensa1/destaques/2005/abril/DestaquesPPTSeminarario.asp>>. Acesso em: 24 abr. 2005.

A intenção de continuar atuando no mercado russo, porém, se fortalece já que as exportações de carnes, em geral, têm crescido nos últimos anos, e mesmo o Brasil não tendo uma

⁸CRIADORES precisam agir mais para poder conquistar mercados estrangeiros, diz presidente da ABIPECS. **Boletim Suíno Paulista**, São Paulo, 2. semana de jun. 2005.

cota específica para exportar ao país e participar da cota denominada "outros", que é de 176,6 mil toneladas para suínos, superou a referida cota exportando 272 mil toneladas, em 2004.

O mercado chinês é visto como a nova oportunidade para o setor, pois, apesar de ser auto-suficiente, alguns fatores levam a crer que há possibilidades de expansão: grande demanda por alimentos de origem animal devido ao grande número de chineses que estão saindo do campo para os centros urbanos, além do aumento do poder aquisitivo⁹. Porém há algumas dificuldades, como a falta de unidades frigoríficas, o custo de produção de suínos e a queda de consumo de carne suína (67% da proteína animal na alimentação)¹⁰, que precisam ser superadas.

É interessante explicitar que as exportações têm ocorrido em cima de um *mix* simples: 76% de cortes e 24% de carcaças, ou seja, se configura como um mercado pouco especializado que não tem agregação de valor. Já o *mix* da produção brasileira é concentrado em produtos processados (65%), seguidos de 18% *in natura*, 8% salgados, 7% gordura e 2% outros, segundo dados da ABIPECS¹¹.

Considerando o valor das exportações de suínos do Brasil, percebe-se um aumento significativo de 2003 para 2004, com uma variação percentual de 40,7%, em sua maioria proveniente dos produtos básicos, ainda que em termos relativos a expansão maior tenha ocorrido por conta dos produtos semimanufaturados (Tabela 4).

Nos três primeiros meses de 2005, observa-se crescimento do valor das exportações do país (89%) em relação ao mesmo período de 2004 (Tabela 5), devido, em parte, à decisão russa de voltar a comprar de outros estados além de Santa Catarina. Outro fator que influenciou foi a alta de preços em dólar, mesmo considerando a queda da moeda, pois o preço médio de US\$1.342/tonelada, no primeiro trimestre de 2004 alcançou US\$1.904/tonelada no mesmo período de 2005¹².

⁹EMPRESAS já exportam carne para Hong-Kong. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 13 jul. 2005. Suplemento Agrícola, Caderno G, p. 7.

¹⁰BRASIL prepara-se para China. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 13 jul. 2005. Suplemento Agrícola, Caderno G, p. 6.

¹¹Op. cit. nota 3.

¹²MOLINARI, P. Carne suína: exportações se recuperam mas milho é dúvida em 2005. **Revista Pork World**, São Paulo, v. 4, n. 26, p. 22-23, maio/jun. 2005.

A carne suína passou a ter um volume mais expressivo no mercado externo a partir de 2001. Hoje esta carne é o terceiro maior volume dentro do comércio internacional e a previsão é que as vendas fiquem estáveis em 2005, com pequena evolução. Essa previsão acontece devido à retomada dos fluxos da carne bovina e avícola, que tiveram uma retração no consumo devido às questões sanitárias ocorridas na União Européia, Estados Unidos e Países Orientais.

Previsões otimistas, como a do Ministério de Agricultura, Pecuária e Abastecimento, acreditam que há margem para expansão do mercado externo, devido à redução na produção da União Européia e dos Estados Unidos e o crescimento do mercado chinês¹³.

Essas previsões são compartilhadas pela Associação Brasileira da Indústria Produtora e Exportadora de Carne Suína (ABIPECS), já que no acumulado dos últimos doze meses (julho de 2004 a junho de 2005), o valor das exportações alcançou US\$1,02 bilhão em reservas com um volume de 575 mil toneladas¹⁴.

A principal deficiência da cadeia de suínos está na parte sanitária, com problemas no diagnóstico e controle de doenças e na produção de dejetos que têm impacto sobre o meio ambiente com a contaminação das águas, do ar e degradação do solo. Esta preocupação tem aumentado em função do aumento da produção de suínos, conseqüência de preços melhores no mercado¹⁵.

O foco da sanidade ainda deve ser claramente colocado, deixando explícito para o setor produtivo as implicações cada vez mais crescentes no mercado mundial de uma desatenção com a questão. O aumento da preocupação com a segurança e a rastreabilidade dos alimentos têm acentuado a tendência da criação de barreiras sanitárias.

A recente diminuição de recursos para a defesa sanitária, por parte do Governo Federal, trouxe preocupação para o setor exportador, visto que a questão se tornou fundamental para garantir competitividade no mercado.

Nesse sentido, há propostas de criação de um Fundo Sanitário misto do qual fazem parte a

¹³Op. cit. nota 7.

¹⁴EXPORTAÇÕES de suínos podem ultrapassar US\$1 bilhão. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 13 jul. 2005. Suplemento Agrícola, Caderno G, p. 5.

¹⁵Op. cit. nota 3.

TABELA 4 - Valor das Exportações e Importações de Suínos e Variação Percentual, Brasil, 2003 e 2004

Produto	2003		2004		Var. % 2003/2004	
	Exp. (US\$1.000)	Imp. (US\$1.000)	Exp. (US\$1.000)	Imp. (US\$1.000)	Exportação	Importação
Suínos	553.009	25.531	778.239	38.122	40,7	49,3
Prod. básicos	548.245	23.568	770.628	34.238	40,6	45,3
Prod. semimanufaturados	413	1.714	1.676	3.719	305,8	117,0
Prod. manufaturados	4.303	81	5.757	66	33,8	-18,5

Fonte: Elaborada pelo IEA a partir de dados da SECEX/MDIC.

TABELA 5 - Valor das Exportações e Importações de Suínos e Variação Percentual, Brasil, Janeiro a Março de 2004 e 2005

Produto	Jan./mar. 2003		Jan./mar. 2004		Var. % 2004/2005	
	Exp. (US\$1.000)	Imp. (US\$1.000)	Exp. (US\$1.000)	Imp. (US\$1.000)	Exportação	Importação
Suínos	120.608	10.173	228.074	11.071	89	15
Prod. básicos	118.845	9.580	226.369	11.719	90,5	11,9
Prod. semimanufaturados	606	592	321	982	-47	65,9
Prod. manufaturados	1.157	1	1.384	0	19,6	-100

Fonte: Elaborada pelo IEA a partir de dados da SECEX/MDIC.

iniciativa privada e o governo federal para indenização de suínos sacrificados ou destruídos para erradicação de doenças exóticas e emergenciais. Um fundo igual a este já vem sendo proposto há algum tempo junto à Coordenadoria de Defesa Agropecuária, da Secretaria de Agricultura e Abastecimento, através do Programa Estadual de Sanidade Suína, porém dificuldades operacionais não possibilitaram sua implantação.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

As recentes mudanças da suinocultura brasileira têm fortalecido o setor no sentido de obter maior competitividade, pois com melhores índices de produtividade, maior número de animais terminados por matriz e diminuição da mortalidade pode-se avançar no mercado com maior segurança.

A mudança da participação regional da produção de suínos teve como característica uma reestruturação do modelo de produção que passou de um foco principal na agricultura familiar integrada a um modelo centrado em produtores inteirados de médio e grande porte e em ganhos com logística e custos de transação. Essa expansão para outras áreas trouxe também maior

competitividade, já que possibilitou a redução de custos.

O crescimento das exportações, com ganho de novos mercados, mesmo com grande parte do volume ainda centrado principalmente no mercado russo, pode ser considerado uma consequência natural das mudanças que vêm ocorrendo na produção interna e da maior possibilidade de participar do mercado internacional, assim como da política governamental voltada para o comércio exterior.

O grande desafio é avançar nas questões sanitárias, pois as imposições internacionais têm crescido e a criação de barreiras sanitárias tem sido a forma de garantir aos consumidores o acesso seguro aos alimentos. Por sua vez, os consumidores cada vez mais colocam suas exigências como imperativo no mercado, fazendo-o adaptar-se se quiser garantir um espaço no mercado internacional.

O mercado globalizado faz exigências pertinentes quando se fala em sanidade, e dentro desse mercado a consequência para quem não investe seriamente na questão pode ser a exclusão do mercado, mesmo que temporária. O custo de se perder o que já havia sido conquistado é muito alto, principalmente para países como o Brasil, que estão expandindo o mercado de suí-

nos. Portanto, o poder público deve trabalhar firmemente na questão em parceria com a iniciativa privada, investindo e conscientizando o setor da importância do tema, não excluindo desta ação o

mercado interno.

Palavras-chave: mudança na produção, exportações, sanidade.